



Spix / Descourtiz
Naturalistas viajantes

spix
descourtiz

Ficha Técnica

Organização

Guto Carvalho

Erika Hingst-Zaher

Luciano Moreira-Lima

Textos

Erika Hingst-Zaher

Luciano Moreira-Lima

Fernando Straube

Ilustrações para colorir

Fredy Pallinger

Agradecimentos

Millard Schisler

Design gráfico

Ilana Tschiptschin

Realização

Instituto Butantan

Avistar

Apoio

Itaú Cultural

Fapesp

CNPq



Apresentação

Esta publicação contribui para divulgar, junto ao público, um dos capítulos mais interessantes da história da construção da identidade do Brasil: o papel dos naturalistas viajantes no conhecimento da biodiversidade do país.

Até a chegada da Família Real, em 1808, as fronteiras do Brasil colônia eram fechadas aos estrangeiros. Com a presença da nobreza portuguesa, é ordenada a abertura dos portos às nações amigas. O Brasil então recebe uma legião de naturalistas viajantes, representantes de muitas nações que tinham como principal interesse estudar e descrever a riqueza de espécies aqui encontrada. O período marcado pelas expedições científicas, artísticas e culturais estende-se até o final do século XIX, quando os naturalistas estrangeiros são substituídos pela atuação das primeiras instituições científicas brasileiras voltadas para o estudo da nossa biodiversidade.

Originários de regiões temperadas, é fácil imaginar o fascínio e a atração que a natureza tropical do Brasil

exercia sobre os naturalistas viajantes. Esse novo universo que se apresentava reunia aspectos culturais, do meio físico e da diversidade biológica, formando um quadro inteiramente novo que precisava ser retratado da forma mais completa possível. A documentação produzida, através de textos, mapas, imagens e exemplares de plantas e animais coletados, preserva e nos permite um olhar sobre estas informações, em seu contexto histórico e artístico.

O conjunto de informações resultantes do trabalho de dois desses naturalistas, Jean-Theodore Descourtilz e Johann Baptist von Spix, que têm uma pequena porção da sua obra aqui reproduzida, não poderiam ser mais distintos em sua visão original. Spix, imbuído de uma visão fortemente acadêmica, dissecava sistematicamente o mundo novo que se descortinava a seus olhos, coletando, identificando e classificando. Descourtilz, por outro lado, apresenta em sua obra uma visão mais poética, embora igualmente detalhista, dos hábitos e das cores e formas

encontradas na diversidade das aves brasileiras.

Em comum estão o olhar minucioso e a transformação em sentimentos das observações sobre o ambiente natural, e o evidente prazer destes naturalistas na apreciação da diversidade com que tinham contato pela primeira vez. A qualidade dos registros de nossa fauna presentes nas obras de ambos, e a importância das observações feitas por estes e outros naturalistas viajantes constituem um conjunto precioso de referências, que podem ser apreciadas do ponto de vista científico ou de sua beleza. Através de seus relatos e imagens podemos tentar imaginar a beleza dos cenários naturais originais de nosso país, e sobretudo atentar ao que já foi perdido e ao que ainda nos resta de nossa biodiversidade.

Spix
(1781-1826)

A expedição do zoólogo bávaro Johann Baptist von Spix (1781-1826) é mais conhecida como "A viagem de Spix e Martius", pois foi realizada na companhia do célebre botânico Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868). A oportunidade para que essa expedição acontecesse surge a partir do casamento de D. Leopoldina, arquiduquesa da Áustria, e D. Pedro I. Juntamente com a noiva, em 1817, a Academia Imperial da Áustria enviou uma delegação científica e artística ao Brasil que ficou conhecida como "Missão Austríaca". A finalidade dessa empreitada era principalmente coletar, observar e estudar animais, plantas, rochas e os índios que aqui habitavam. Dois dos integrantes eram Spix e Martius, respectivamente, zoólogo e botânico da expedição, que se estendeu entre 1817 e 1820 por uma vasta região onde quase tudo era interessante ou simplesmente desconhecido!

Viajar pelo Brasil naquela época não era tarefa simples, e a rotina da expedição era dura: em mulas ou em canoas desde o amanhecer, faziam suas

coletas e observações sobre plantas e animais. Não haviam medicamentos e os líquidos conservantes eram escassos. No início da tarde paravam em barracas improvisadas ou abrigos de tropeiros, descarregavam, faziam uma refeição, continuavam suas observações e preparavam e embalavam o material coletado, atualizando os registros e anotações nos diários de viagem.

Spix e Martius percorreram 10 mil quilômetros, de leste a oeste e de norte a sul do Brasil. Graças a esse trabalho exaustivo, nossa fauna e flora ficaram conhecidos na Europa, no relato publicado entre 1823 e 1831 em três volumes que compõem a obra "Reise in Brasilien" (Viagem pelo Brasil)". Spix também publicou diversos outros livros, sempre voltados à descrição de espécies animais encontradas durante a viagem, especialmente aves, primatas, morcegos e répteis. Além disso, muitas outras foram batizadas em sua homenagem, como a ararinha-azul, *Cyanopsitta spixii*.

Morreu pouco tempo depois de regressar à Europa, durante a preparação do segundo volume da obra narrativa, possivelmente devido a uma doença tropical adquirida durante a expedição. Martius finalizou a obra sozinho, com base nas anotações de ambos.

As litogravuras aqui reproduzidas, publicadas nos dois volumes exclusivos das aves "Avium species novae quas in itinere annis 1817-1820 per Brasiliam" foram feitas pelo artista Matthias Schmidt, com base nos esboços e desenhos feitos pelos notáveis exploradores, bem como nos exemplares coletados durante a viagem e depositados no Museu de História Natural de Munique (Alemanha).





3

1. surucuá-variado
Trogon surrucura
2. pica-pau-de-cabeça-amarela
Celeus flavescens
3. coruja-orelhuda
Asio clamator
4. periquito-da-caatinga
Eupsittula cactorum,
tinha-de-orelha-branca
Pyrrhura leucotis
5. gavião-bombachinha
Harpagus diodon
6. japuaçu
Psarocolius bifasciatus

4



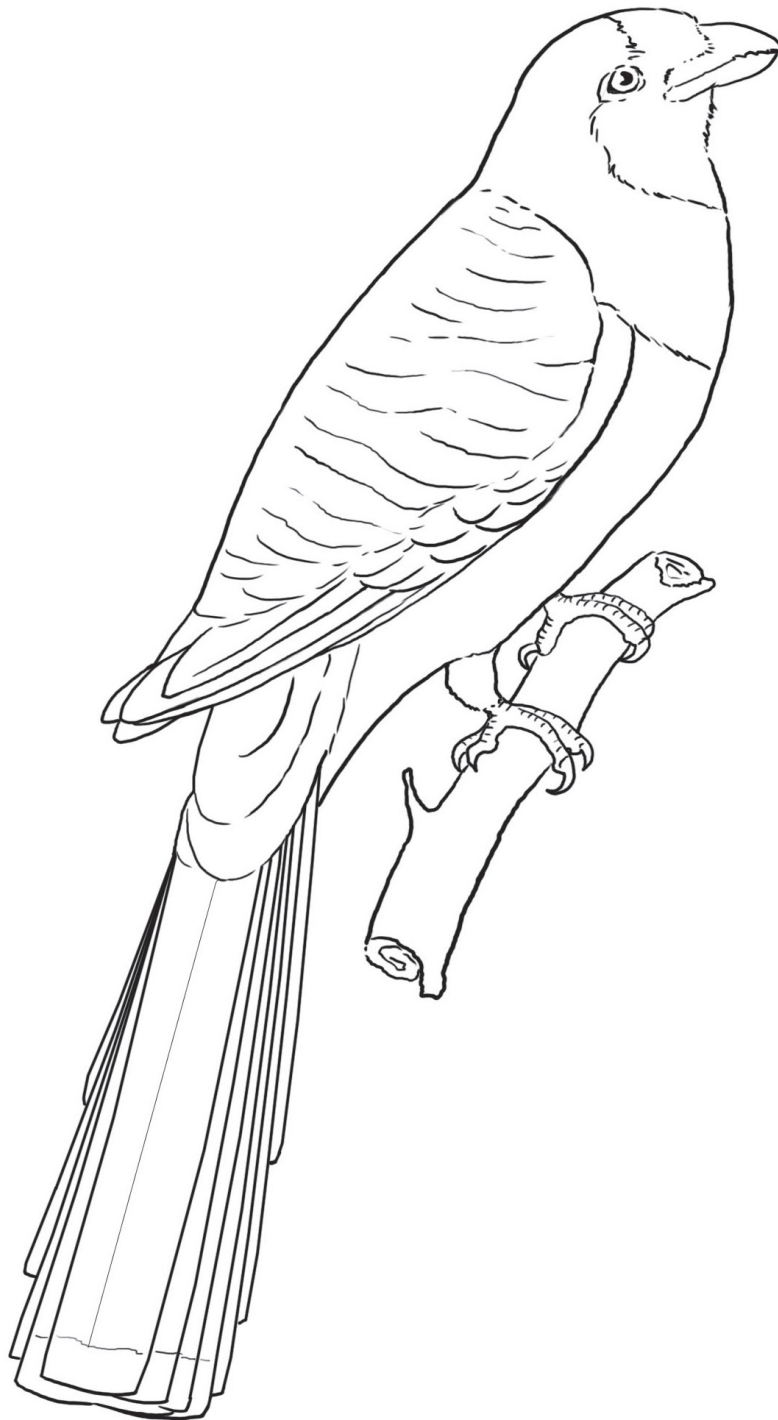
5



6

surucuá-variado
Trogon surrucura

O surucuá-variado possui esse nome por ser dividido em duas subespécies distintas, diferentes basicamente pela coloração do ventre, sendo uma vermelha e outra alaranjada. Ocorre principalmente áreas de Mata Atlântica, onde vive na copa das árvores. Sua presença é geralmente percebida por seu canto característico, uma sequência rápida de assobios graves repetidos.



pica-pau-de-cabeça-amarela
Ceileus flavescens

O pica-pau-de-cabeça-amarela habita principalmente a Mata Atlântica, mas pode também ser encontrado em áreas arborizadas dentro de grandes cidades. Pode ser localizado à distância quando se escuta uma de suas vocalizações características, uma sequência de dois assobios altos e agudos.



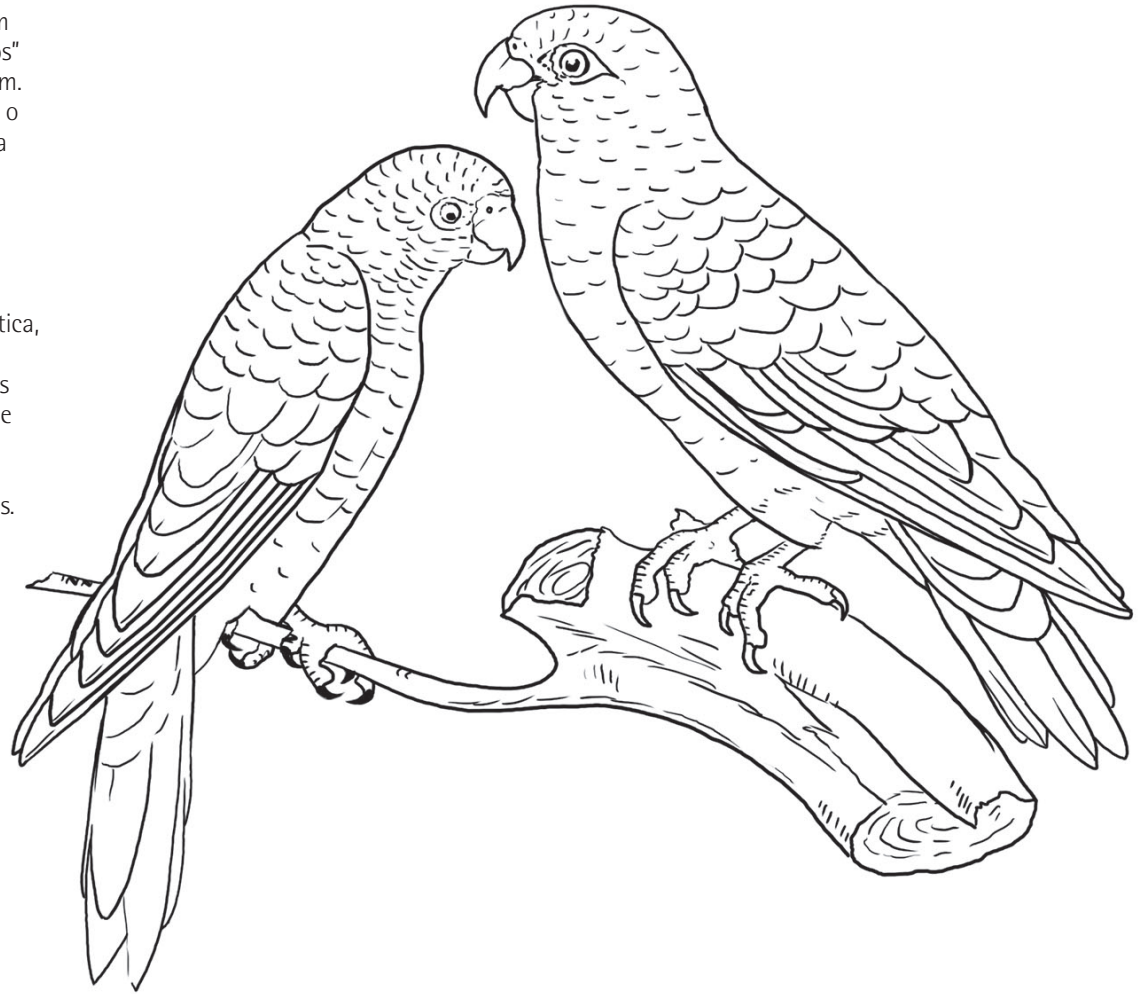
coruja-orelhuda
Asio clamator

Espécie de coruja grande e relativamente comum, pode ser encontrada até mesmo em áreas arborizadas dentro de grandes cidades. Seu canto é bastante característico, um pio alto e agudo ou um latido acelerado, denunciando sua presença na escuridão da noite.



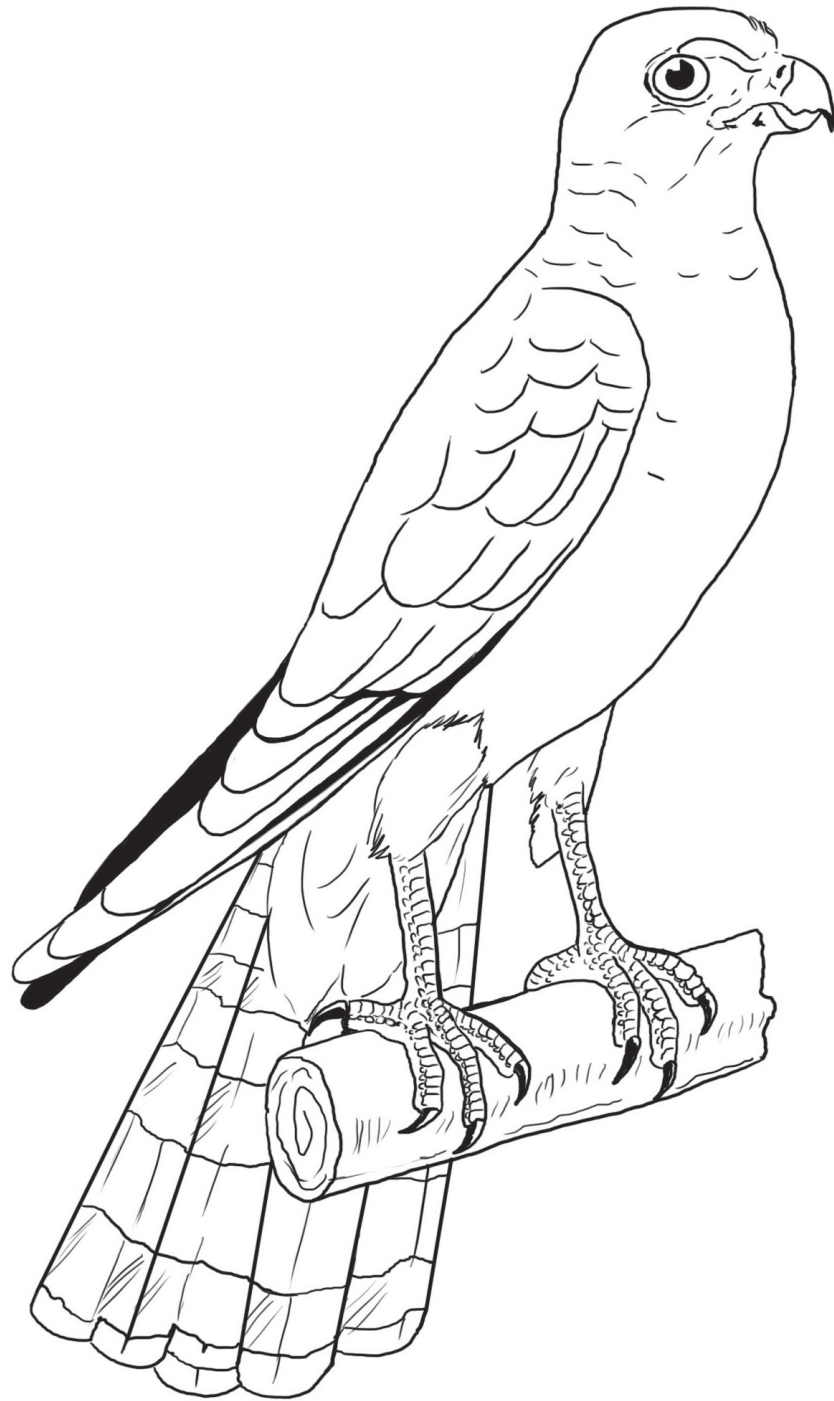
periquito-da-caatinga
Eupsittula cactorum,
tiriba-de-orelha-branca
Pyrrhura leucotis

Além do tamanho e de serem barulhentos, esses “periquitos” tem poucas coisas em comum. Como o próprio nome já diz, o periquito-da-caatinga habita principalmente a Caatinga, onde pode ser encontrado geralmente aos pares ou em pequenos bandos. A tiriba-de-orelha-branca é uma exclusividade da Mata Atlântica, e encontra-se ameaçada de extinção por habitar florestas mais preservadas em áreas de baixada, onde é encontrada quase sempre em pequenos bandos nas copas das árvores.



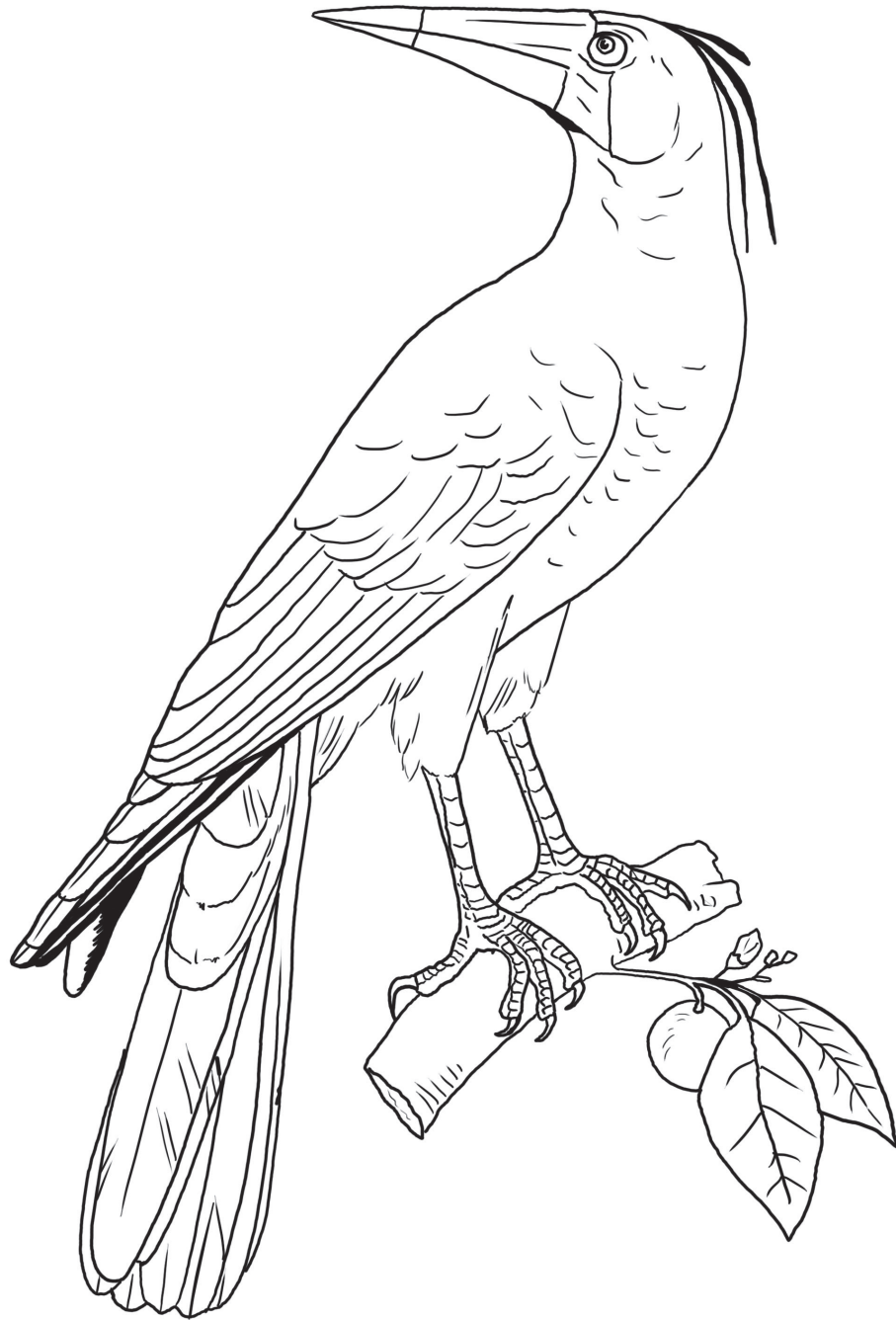
gavião-bombachinha
Harpagus diodon

Espécie relativamente pequena de gavião que habita áreas de florestas, sendo geralmente encontrado nas copas próximo à borda das matas. A espécie é migratória, se reproduzindo na Mata Atlântica na primavera e no verão e migrando para Amazônia no outono e no inverno. Se alimenta de pássaros, lagartos e insetos que captura em pleno voo.



japuaçu
Psarocolius bifasciatus

Grande, com cerca de 50 cm o japuaçu é o maior representante da sua família (Icteridae) e um dos maiores "passarinhos" da América do Sul. A fêmea é menor que o macho, não ultrapassando os 43 centímetros. Vive em grupos e se reproduz em colônias, nas quais vários casais constroem seus ninhos em uma mesma árvore. O ninho, assim como em outra espécie do grupo, é uma bolsa pendente cuidadosamente trançada com fibras de palmeira.



Jean-Theodore Descourtilz
(1796-1855)

Médico e artista francês, chegou ao Brasil em 1830 atendendo a um convite de Dom Pedro II. Entre 1851 e seu falecimento em 1855 ocupou o cargo de naturalista viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Interessado especialmente por minerais e aves, explorou a Floresta Atlântica do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Morreu em Aracruz, no Espírito Santo, em 15 de fevereiro de 1855, envenenado pelo arsênico que utilizava para a taxidermia de aves.

Publicou três importantes obras que ainda hoje representam o que de mais belo foi produzido sobre a avifauna brasileira: "Oiseaux brillants et remarquables du Brésil" (1834) "Beija-flores do Brasil" (1835) e "História Natural das Aves do Brasil notáveis por sua plumagem, canto e hábitos" (1852).

Descourtilz, pela beleza e realismo que imprimia em sua arte, pode ser comparado ao famoso ornitólogo norte-americano John James Audubon, que também baseava suas obras em cuidadosas observações de

campo, representando as aves em seus ambientes naturais.

Diferente dos ornitólogos clássicos da sua época, que se prendiam principalmente a descrições de características morfológicas, Descourtilz dava grande atenção a detalhes do comportamento e do habitat das aves, característica facilmente notada em suas ilustrações e nas descrições feitas para cada uma delas. Além disso, a forma poética e sensível com que descreve as aves deixa transparecer um sentimento de paixão por estes animais, refletindo o prazer que sentia ao observá-las. É justo, portanto, dar-lhe o título de primeiro observador de aves do Brasil.

Sendo de uma época posterior à passagem dos naturalistas pioneiros que pesquisaram a avifauna brasileira, como Wied, Spix e Natterer, a contribuição maior de Descourtilz à ornitologia não está na descoberta de novas espécies, mas na cuidadosa observação de seus hábitos. O texto introdutório de "História Natural das Aves do Brasil", exemplo de sua notável percepção

sobre ecologia, é um dos mais belos escritos sobre a relação entre as aves, a paisagem e a vegetação brasileiras.

O pioneirismo de Descourtilz na descrição do comportamento das espécies nos deixou o único registro sobre os hábitos de uma das aves mais raras e enigmáticas do planeta, o tietê-de-coroa (*Calyptura cristata*). Esse pássaro permaneceu por mais de cem anos sem ser encontrado na natureza, sendo redescoberto em um único encontro, na região da Serra dos Órgãos, na década de 90. De acordo com seu relato, "o canto breve, rouco e desagradável" possuía "um volume de voz que não se acreditaria em animal de seu porte".

Apreciar suas ilustrações é como ser transportado para dentro da floresta, um pouco como se estivéssemos observando as aves em seu próprio ambiente. A ilusão é reforçada pelos detalhes vívidos das cores e plumagem, o arranjo e a posição nos ramos, e o realismo que imprimiu às plantas, frutos, insetos, e rochas que servem de cenário às diversas espécies.

1. pica-pau-anão-barrado *Picumnus cirratus*,
pica-pau-verde-barrado *Colaptes melanochloros*,
pica-pau-dourado *Piculus aurulentus*,
pica-pau-rei *Campephilus robustus*

2. anambezinho *Iodopleura pipra*,
tietê-de-coroa *Calyptura cristata*,
maria-leque-do-sudeste *Onychorhynchus swainsoni*,
patinho-gigante *Platyrrhynchus leucoryphus*,
patinho *Platyrrhynchus mystaceus*

3. surucuá-de-barriga-vermelha *Trogon curucui*,
surucuá-de-barriga-amarela *Trogon rufus*,
surucuá-variado *Trogon surrucura*





2

4. sai-andorinha *Tersina viridis*,
araponga *Procnias nudicollis*,
araponga-do-nordeste
Procnias averano

5. crejoá *Cotinga maculata*,
corococho *Carpornis cucullata*,
chibante *Laniisoma elegans*,
saurá *Phoenicircus carnifex*

6. papa-formiga-de-topete
Pithys albifrons,
chupa-dente *Conopophaga lineata*,
tovaca-campainha
Chamaeza campanisona,
galo-da-serra *Rupicola rupicola*

3



4



5



6

pica-pau-anão-barrado
Picumnus cirratus,
pica-pau-verde-barrado
Colaptes melanochloros,
pica-pau-dourado *Piculus*
aurulentus,
pica-pau-rei *Campephilus*
robustus

Ocorrem no Brasil cinquenta e nove espécies de pica-paus, que habitam desde áreas de florestas densas até ambientes abertos com árvores esparsas. As espécies brasileiras variam em tamanho desde o diminuto pica-pau-anão-barrado ao pica-pau-rei, que chega a medir 40 centímetros.



anambezinho
Iodopleura pipra,
tietê-de-coroa
Calyptura cristata,
maria-leque-do-sudeste
Onychorhynchus swainsoni,
patinho-gigante
Platyrhynchus leucoryphus,
patinho
Platyrhynchus mystaceus

O belo topete da maria-leque e as formas e cores variadas das aves da figura ficam ofuscadas diante da raridade do tietê-de-coroa. Considerada uma das aves mais raras do planeta, sabemos muito pouco sobre seus hábitos. Por causa da sua raridade, esta ave é considerada criticamente ameaçada de extinção.



surucuá-de-barriga-vermelha
Trogon curucui,
surucuá-de-barriga-amarela
Trogon rufus,
surucuá-variado *Trogon*
surrucura

Ocorrem no Brasil cinquenta e nove espécies de pica-paus, que habitam desde áreas de florestas densas até ambientes abertos com árvores esparsas. As espécies brasileiras variam em tamanho desde o diminuto pica-pau-anão-barrado ao pica-pau-rei, que chega a medir 40 centímetros.



sai-andorinha *Tersina viridis*,
araponga *Procnias nudicollis*,
araponga-do-nordeste
Procnias averano

Conhecidas por sua voz alta e estridente, as arapongas habitam as copas de florestas. São importantes dispersoras de sementes, atuando como verdadeiras plantadoras de florestas. O bellissimo sai-andorinha também é dispersor de sementes e frequentemente é observado em pequenos bandos nas copas das árvores, próximo das bordas de floresta.



crejoá *Cotinga maculata*,
corococho *Carpornis cucullata*,
chibante *Laniisoma elegans*,
saurá *Phoenicircus carnifex*

Seja pela beleza, seja pelo canto, os cotingídeos reúnem alguma das mais belas e curiosas espécies de aves da Região Neotropical. A maior parte das espécies habita áreas de florestas extensas e bem conservadas, e por isso muitas se encontram ameaçadas de extinção.



papa-formiga-de-topete
Pithys albifrons,
chupa-dente *Conopophaga*
lineata, tovaca-campainha
Chamaeza campanisona,
galo-da-serra *Rupicola rupicola*

Embora pertençam a quatro
Famílias distintas, as aves
acima possuem em comum o
fato de serem habitantes do
interior de áreas de floresta. De
plumagens curiosa, o papa-
formiga-de-topete e o galo-
da-serra vivem na Amazônia,
enquanto os sonoros chupa-
dente e tovaca-campainha
ocorrem principalmente na
Mata Atlântica.





fundação
butantan

i **b** butantan

Itaú
cultural